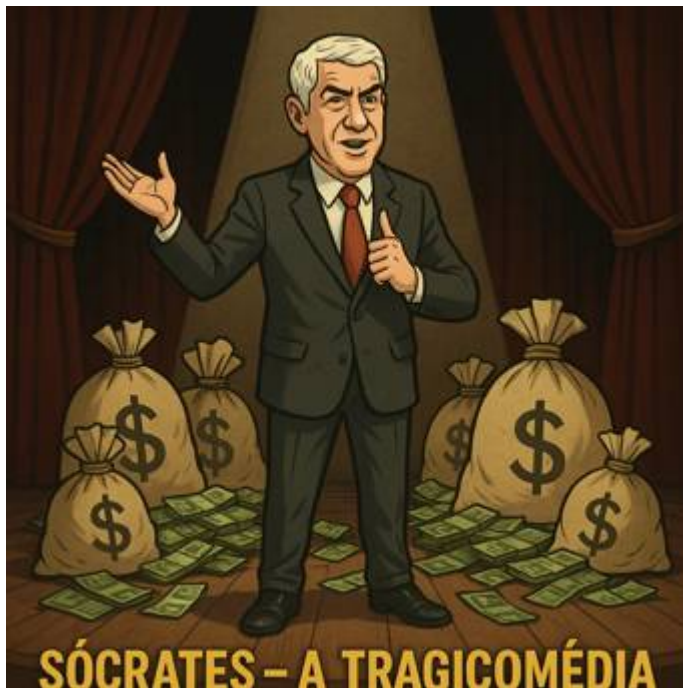




"Sócrates – A Tragédia em Sete Cartórios"

Publicado em 2025-06-29 17:37:11



Uma tragicomédia em atos, golpes e silêncios judiciais

Ato I – O Filho da Nação

Entra Sócrates, altivo, empoleirado nas escadarias do Parlamento. Com um sorriso ensaiado e olhar de actor em telenovela venezuelana, declara:

“Vim para servir Portugal... e talvez também a mim próprio, com uma conta jeitosa em Paris.”

Os figurantes – jornalistas crédulos, banqueiros bajuladores, e empresários famintos – aplaudem de pé.

Ato II – O Benemérito da Troika

Em cena, uma tábua orçamental e três homens da troika, de lápis na mão e cenho franzido.

Sócrates, de braço dado com a dívida pública, apresenta-lhes o país hipotecado:

“Podem entrar. Está tudo em ordem. Excepto a justiça, o sistema fiscal, a banca e... a vergonha.”

Ato III – O Exílio Parisiense

Com o cenário a mudar para um loft em Paris e um armário recheado de fatos pagos com dinheiro sem recibo, o herói refugia-se no estrangeiro.

“É apenas uma pausa para reflexão... e para lavar, centrifugar e secar alguns fundos.”

Ato IV – O Regressado Maldito

Entra pela calada da noite, mas é recebido por um carro da PJ e um juiz com insónias.

O povo, entre estarecido e pasmado, pergunta:

“Mas este não é aquele que dizia que era pobre, mas com estilo?”

Ato V – A Ópera do Ministério Público

O palco transforma-se num labirinto jurídico.

Sócrates tem 12 advogados, 8 contraditórios, 3 recursos e um motorista com mais contas que o BES.

“Isso não é meu, foi um amigo que me ofereceu uma fortuna só porque gosta muito de mim!”

Ato VI – O Mártir em Bruxelas

Num cenário europeu, Sócrates apresenta-se de toga e crucifixo nas mãos, queixando-se de perseguição, injustiça e azia.

“Portugal violou os meus direitos humanos! Onde já se viu acusar um político em democracia?”

Ato VII – A Nauseabunda Apoteose

O pano cai lentamente, mas o cheiro a impunidade permanece no ar. No público, uns vomitam, outros adormecem. E outros, os mais cínicos, dizem:

“Ainda o vamos ver a comentar política na televisão. Ou pior... a voltar!”



Moral da tragicomédia:

Em Portugal, os verdadeiros palhaços não usam nariz vermelho. Usam gravata, têm bons advogados e gastam milhões que nunca foram deles. E no fim, ainda nos dizem com ar compungido que foram vítimas.

Artigo de Augustus Veritas

Uma tragicomédia, ao estilo de um teatro popular com cheiro a povo e sabor a verdade, encenado no palco lusitano dos absurdos.